

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-934-9
DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i>	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling	
DOI 10.22533/at.ed.3492020011	
CAPÍTULO 2	9
AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.3492020012	
CAPÍTULO 3	14
AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 4	26
CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE	
Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 5	39
CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA	
Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

CAPÍTULO 11	91
CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO	
Natália Cardoso dos Santos Nardel Luiz Soares da Silva Jessyca Vechiato Galassi Lucas Casarotto Leonardo Backes Mosconi Nathália Cotorelli Aline Rafaela Hasper Daliana Hisako Uemura-Lima Paula Caroline Bejola Maria Antonia Urnau Daniela da Rocha Herrmann Lucas Natan Scheuermann	
DOI 10.22533/at.ed.34920200111	
CAPÍTULO 12	97
DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL	
Marilene Santana dos Santos Garcia Jaqueline Becker Willian Rufato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34920200112	
CAPÍTULO 13	104
DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Everton Nery Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 14	115
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS	
Nelson Batista Leitão Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 15	128
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
Amilton Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	
CAPÍTULO 16	140
EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS	
Kenia dos Santos Francelino Katscilaine dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200116	
CAPÍTULO 17	146
EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Kenia dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200117	

CAPÍTULO 18	152
EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE	
Xenusa Pereira Nunes	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Francisco Assis Filho	
Xirley Pereira Nunes	
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200118	
CAPÍTULO 19	160
EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR	
Marivalda Evangelista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34920200119	
CAPÍTULO 20	172
ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA	
Susete Wambier Christo	
Augusto Luiz Ferreira Júnior	
Ana Flávia Monteiro	
Marilise Silva Meister	
Denilton Vidolin	
DOI 10.22533/at.ed.34920200120	
CAPÍTULO 21	179
ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE	
Carmem Cesarina Braga de Oliveira	
Francisco Cildomar da Silva Correia	
Rui Carlos Peruquetti	
DOI 10.22533/at.ed.34920200121	
CAPÍTULO 22	184
ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE	
Thalia Costa Medeiros	
Najra Danny Pereira Lima	
Mayanny da Silva Lima	
Thais Costa Medeiros	
Maria Helena Rodrigues Bezerra	
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha	
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva	
Ava Fabian dos Anjos Lima	
Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser	
Alice Figueiredo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200122	

CAPÍTULO 23 197

EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES

Andreia Belter
Fernando Feiten Pinto
Ivana Letícia Damião
Júlia Gabriela Petrazzini da Silva
Elizangela Weber
Julhane Alice Thomas Schulz
Mariele Josiane Fuchs

DOI 10.22533/at.ed.34920200123

CAPÍTULO 24 206

FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA

José Luís Félix D

OI 10.22533/at.ed.34920200124

CAPÍTULO 25 216

FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Jenijunio dos Santos
José Guilherme Aguiar Assis
Rafael de Carvalho da Costa

DOI 10.22533/at.ed.34920200125

CAPÍTULO 26 223

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Sabrina Stein
Charles Moreto

DOI 10.22533/at.ed.34920200126

CAPÍTULO 27 230

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento
Ana Leide Rodrigues de Sena Góis
Jocyléa Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200127

CAPÍTULO 28 240

FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT

Ana Karla Pereira Viegas
Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão
Daniely Takekawa Fernandes
Daiany Takekawa Fernandes
Josimeire Teixeira Carrara
Juliana Carol Braga Aponte
Karla Silva da Paixão
Rosane Andrade Vasconcelos

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO - TOCANTINS

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Data de aceite: 03/01/2020

Everton Nery Carneiro

RESUMO: Conhecemos uma variedade de narrativas: míticas, filosóficas, científicas, artísticas, teológicas, etc. Cada uma possui seu caminho na busca da compreensão, interpretação e explicação do mundo. Tratamos aqui, como objeto de estudo, o mito e sua contribuição para a construção do currículo e formação docente, sendo a hermenêutica o método adotado, tendo como objetivo geral: abordar como a narrativa mítica pode contribuir no processo de construção do currículo e na formação docente, sendo os seguintes objetivos específicos: conceituar hermenêutica e mito; relacionar texto, hipertexto e mito; tratar sobre currículo e sua construção; discutir sobre o processo de formação docente. A hermenêutica tem três orientações de sentido, significando, tanto 'interpretar' como 'comunicar' como também 'explicar'. Assim, a pergunta lançada é: como a narrativa mítica pode contribuir na discussão sobre a construção do currículo e também no processo de formação docente? Postulamos, pois uma relação teórica que tem por princípio a hermenêutica, pois em texto e hipertextos temos um tecido, uma colcha de retalhos, de pedaços de outros tecidos, e

estes diante de uma práxis, colocam-se em costura, sendo costurados hermenêuticamente na perspectiva de um currículo sem grades, flexíveis, com fronteiras vivas/dinâmicas, e contradições não- excluídas, pois fazem parte da vida. Enfim, pensamos, pois, em processos dinâmicos, hermenêuticamente formativos e construtores de currículos e de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Texto; hipertexto; narrativa mítica; currículo; formação.

FROM THE TEXT TO THE HYPERTEXT:
A CONTRIBUTION OF THE MYTHICAL
NARRATIVE IN THE CONSTRUCTION OF
THE CURRICULUM AND THE PROCESS OF
TEACHER TRAINING

ABSTRACT: We know a variety of narratives: mythical, philosophical, scientific, artistic, theological, etc. Each one has its way in search of the understanding, interpretation and explanation of the world. We treat here, as object of study, the myth and its contribution to the construction of curriculum and teacher training, and hermeneutics is the method adopted, with the general objective: to approach how the mythical narrative can contribute to the process of curriculum construction and formation Teaching, with the following specific objectives: conceptualizing hermeneutics and myth; Relate text, hypertext and myth; Dealing with curriculum

and its construction; Discuss the process of teacher training. Hermeneutics has three orientations of meaning, meaning both 'interpret' and 'communicate' as well as 'explain'. Thus, the question is: how can the mythical narrative contribute to the discussion about the construction of the curriculum and also the process of teacher training? We postulate, therefore, a theoretical relation that has the principle of hermeneutics, because in text and hypertexts we have a fabric, a patchwork quilt, pieces of other fabrics, and these before a praxis, are sewn, being sewn hermeneutically in the Perspective of a curriculum without grids, flexible, with living / dynamic boundaries, and non-excluded contradictions, since they are part of life. Finally, we think of dynamic processes, hermeneutically formative and curriculum and life constructors.

KEYWORDS: Text; hypertext; Mythical narrative; curriculum; formation.

PARA COMEÇAR

Trabalhamos neste artigo o entendimento de que a narrativa mítica pode contribuir para a construção do currículo e no processo de formação docente. A perspectiva é do método hermenêutico, sendo preciso entender que a expressão “hermenêutica” pode derivar do verbo grego *hermeneuein*. Este se refere, por sua vez, ao substantivo *hermeneus*, que poderá ser aproximado sem rigor científico, numa espécie de derivação etimológica, de Hermes (filho de Zeus com Maia). Hermes era o mensageiro dos Deuses, anunciava o destino. *Hermeneuein* era a revelação que levava ao conhecimento, por parte daquele que estivesse em condições de ouvir uma mensagem. De toda forma, é possível pensar que a origem etimológica é duvidosa, mas enraíza o significado de falar/dizer. O vocábulo tem três orientações de sentido: “...*hermeneuein* significa, em grego, tanto ‘interpretar’ como ‘comunicar’ e ‘explicar’” (KORTNER, 2009, p.11) . Uma linha comum aparece aqui: a ideia de que algo deve ser tornado inteligível, de que se deve conseguir que seja entendido (CORETH, 1973, p.01). Nesse sentido a hermenêutica busca interrogar o homem em sua existência e ajuda-lo a compreender os fundamentos de seu agir, pois “cada homem es um poeta de su existência.”(MARTINS, 2006, p.155). Assim:

Somos nós que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a liberdade; e ao introduzir e entremesclar nas coisas este mundo de signos, como algo ‘em si’, agimos como sempre fizemos, isto é, mitologicamente. (NIETZSCHE, 2006, p.51)

Barthes (2012, p.199) afirma que “o mito é uma fala”, entretanto, “não é uma fala qualquer [...] é um sistema de comunicação, uma mensagem [...]” Temos recebido essa mensagem, sendo importante abordá-la no campo da práxis, tanto no processo da construção do currículo como também na formação docente.

PARA CONTINUAR

Sendo o mito um texto, uma fala, ele é narrado e podemos falar sobre ele. Desta forma, a coisa inicial que se manifesta no mito é a sua capacidade literária de dizer o acontecimento, ou seja, de narrar o acontecido. E qual é o teor desse dizer? Narrar (dizer) sobre as origens.

Para alcançar nossos objetivos, tendo como perspectiva o método hermenêutico e a importância das narrativas míticas, passamos a discutir sobre: currículo, texto, hipertexto e formação docente, tendo como objetivo geral abordar como a narrativa mítica pode contribuir no processo de construção do currículo e na formação docente, sendo os seguintes objetivos específicos: conceituar hermenêutica e mito; relacionar texto, hipertexto e mito; tratar sobre currículo e sua construção; discutir sobre o processo de formação docente. Essa é a busca do nosso texto, utilizar os textos como pré-textos para a criação de novos textos. As narrativas míticas oferecem essa possibilidade. Que interesse temos hoje nessas narrativas? Conhecer os mitos, sejam eles andinos, tupis, maias, romanos, gregos ou africanos não é o estudo de um fenômeno local e temporal, é o estudo e conhecimento da resposta simbólica do homem diante da natureza interna e externa à sua psique, pois os mitos:

Representam uma forma complexa daquilo que pode ser chamado de *linguagem simbólica* ou significativa, já que o sujeito humano exprime de fato ele mesmo, em oposição à linguagem dos objetos que é designativa, informacional e utilitária. Tudo aquilo que dá sentido e valor ao homem existente, tudo aquilo que expressa, passa por essa linguagem simbólica, da qual a poesia e a linguagem religiosas são expressões privilegiadas. (BRUNEL, 2005, p.734)

Buscar responder à pergunta “como a narrativa mítica pode contribuir sobre o processo de construção do currículo e também na formação docente?” é a nossa perspectiva e isso nos leva sem impaciência a um processo de retomada, de interpretação e narração, ao passo que vai ocorrendo uma re-narração e re-interpretação dessas narrativas míticas (desses textos), pois cada qual lê um texto de determinada forma, que é a que melhor lhe interessa sendo um texto, segundo Ricoeur *apud* Maingueneau (2008, p.466) “todo discurso fixado pela escritura”, em que o leitor/interprete na sedução/compreensão estética, na complexidade narrativa e estrutura literária amplie sua consciência de mundo, sua capacidade de diálogo, sua compreensão de si mesmo e do próprio mundo, do outro, onde “compreender alguma coisa de um modo não exclui compreender de outras maneiras.” (BRUNER, 1996, p.29).

Entendemos por diálogo o “discurso continuamente aberto, eternamente em vias de se dizer e, por isso, nunca acabado, consumado, completado ou totalmente dito” (ALMEIDA, 2005, p.38). Estamos diante da hipertextualidade em sua amplitude, pois esta é “qualquer relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um

texto anterior A (que chamarei hipotexto) sobre o qual ele se enxerta de uma forma que não é mais a do comentário.” (Maingueneau, 2008, p. 264). Tendo em perspectiva as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) pensamos que o hipertexto tem como características a não-linearidade, a presença do leitor como um co-autor e a possibilidade do uso da linguagem textual concomitante à não-textual, tal como música, vídeo etc. O referido termo (hipertexto) tem seu surgimento em meados dos anos 1960, tendo sido criado por Theodore Nelson, para “expressar a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LÉVY, 1999, p.29). Então Eco faz ecoar:

Podemos pensar que los hipertextos son ilimitados e infinitos. Cada usuário puede añadir algo, y se puede crear una especie de historia inacabada al estilo del jazz. Em este punto, a noción clásica de autoria desaparece, y tenemos una nueva forma de aplicar la libre creatividad [...] Estamos caminando hacia una sociedade más liberada, em la libre creatividad coexistirá com la interpretación textual. Me gusta eso. El problema está em decir que hemos reemplazado algo viejo por outra cosa; tenemos ambas, gracias a Dios.(ECO, 1998, p.312)

No horizonte se enxerga uma democratização intertextual, entretanto como isso ocorrerá, ainda está se definindo.

Trabalhamos a ideia de que as narrativas míticas constituem o núcleo da sabedoria antiga, a gênese profunda daquilo que a tradição desenvolveu sob uma determinada forma conceitual, objetivando definir os parâmetros de uma vida bela, bem-sucedida e sábia. Afirma Cícero: “A sabedoria consiste em instruir-se sobre coisas divinas e humanas” (CÍCERO apud FERRY, 2011, p.14). Ao fazer isto vamos trabalhando várias experiências históricas do pensamento, pois:

A metafísica é uma experiência histórica de Pensamento. Mas não é a única. Outra experiência de pensamento é o Mito e a Religião. Uma outra é a Mística. Ainda uma outra é a Poesia e a Arte. A última, por ser no fundo a primeira experiência histórica do Pensamento, é a vida e a morte, *eros e thanatos*. (LEÃO, 2000.p.121)

Existe uma variedade de experiências do pensamento e precisamos levar em conta essa diversidade, tanto no processo de construção do currículo como também na formação docente. Vamos trabalhando assim a ideia de que cada civilização edifica ou recebe como herança para si um imaginário, um legado. Neste legado estão presentes as mais significativas representações e configurações de uma cultura e de uma sociedade, caracterizadas pela pluralidade de significado que elas sucessivamente produzem, num constante desafio a sucessivas operações hermenêuticas que, por conceituação são aproximativas e inacabadas. Assim compreendemos a importância da contribuição das narrativas míticas para a construção do currículo e processo de formação.

Ao explorar novas possibilidades de pensamento é que seguimos o caminho

que aqui propomos. Na continuidade da nossa caminhada e esta ao seguir os passos da narrativa mítica faz necessário uma conversa é *topos aletheia* (lugar de verdade), para o qual sucessivamente retornamos, após realizar as caminhadas. E veja-se que em uma sociedade, marcada pela comunicação, somos formados para falar, não para escutar e somente existe diálogo onde a escuta se faz presente. O mito se faz presença, sendo:

... o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, illo tempore, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano.” (BRANDÃO, 2010, p.37)

Na presente empreitada o nosso método, “que é um caminho, jamais um fim” (REHFELD, 2008. p.186.) passa por buscar pistas que nos ajudem a responder a questão proposta, assim seguimos pela perspectiva do método hermenêutico, pois conhecer não é precisamente propor explicações conceituais e abstrações, mas sim propor possíveis interpretações, propor procedimentos hermenêuticos, pois:

É uma ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo seja legítima. Não há interpretação justa; não há um único sentido. A vida implica uma infinidade de interpretações, todas elas realizadas de uma perspectiva particular [...] (MACHADO, 1984, p.106-107)

Diante disso: o que é currículo? Entendendo que toda criação humana, de maneira inevitável, carrega consigo a herança sócio-histórica, afirmamos que o currículo, que é uma “tradição inventada” (GOODSON, 1998, p. 1998), não é exceção, pois ele nasce e se desenvolve em íntima relação com uma sociedade, um povo e seu processo histórico, sendo escrito por e para seres humanos de uma dada sociedade, refletindo de certo modo sua organização social, cultura, crenças etc. Assim, “o currículo nunca está pronto, dado, está sempre por ser feito, até porque, queiramos ou não, de alguma forma é sempre multireferenciado.” (SIDNEI, 2015, p.83.), pois se dinamiza na práxis educativa.

Entendendo, pois, que conceber conceitos é uma ação de criação que comporta inventar novos jeitos de pensamento, de sentimento, de visão, de concepção e percepção, do compreender aquilo que é incompreensível, eis a tarefa do aprendente, daquele que deseja hermenêuticamente se por em processo de aprendizado, tanto no campo da formação docente como também na construção do currículo.

A vida humana é concomitantemente sujeito e objeto de numerosas narrativas e o espírito do ser humano é reviver estas narrativas especialmente, mas não somente, por meio da linguagem oral articulada. Essas narrativas são revividas nos vitrais, filmes, nos palcos, nos discursos políticos e também religiosos, nos currículos, nos

processos de formação docente, na música e na dança, pois afinal “eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar.” (NIETZSCHE, 2011, p.41).

Uma narrativa possibilita várias interpretações, inexistindo uma que seja a correta e, portanto exclua as demais. Assim, nesse jogo de múltiplas interpretações não há maneira de mostrar a verdade de uma narrativa, entendendo a verdade como relação de correspondência. A narrativa revela uma verdade relacional, experiencial. Desta forma é preciso que não se construa com a narrativa uma relação de escravidão, mas sim de libertação.

Ao se trabalhar a ideia de que a narrativa-mítica narra eventos no mundo-tempo das origens, seguimos Eliade (2013, p.11): “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’.” Uma “história sagrada” refere-se à história como uma narrativa, uma narrativa verdadeira que procura descrever os diversos fenômenos sagrados no mundo, estes que aconteceram em um “tempo primordial”, um tempo das origens, ou seja, que gerou o ser humano como ele é hoje. Além disso, um tempo do “princípio”, da “*arché*”. “Principio” como “*arché*” indica mais que origem, pois aquilo que estava no “tempo primordial” continua estando. Temos aqui, portanto, um mito que é uma narrativa, que é sagrada, verdadeira e um modelo exemplar. Para Eliade então o mito “é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente.” (ELIADE, 2013, p.23). No dizer ainda do próprio Eliade (2013, p.125): “um modelo mítico presta-se a aplicações ilimitadas.” Ao pensar nessa perspectiva, pensamos na vida, tanto na formação docente como também no currículo, não apartando e interpretando no presente um passado vigoroso apreendido com a narrativa mítica, assim:

O mito não é uma simples narrativa, nem uma forma de ciência, nem um ramo de arte ou de história, nem uma narração explicativa. O mito cumpre uma função *sui generis*, intimamente ligada à natureza da tradição e à continuidade da cultura... A função do mito é, em resumo, a de reforçar a tradição e dar-lhe maior valor e prestígio, unindo-o à mais alta, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais. Cada mudança histórica cria sua mitologia, que é entretanto só indiretamente relativa ao fato histórico.¹

A narrativa mítica não é simples, não sendo científica, histórica ou artística. Tem como função o estabelecimento e continuidade das tradições e em caso de mudanças históricas, ocorre uma mudança no corpo das narrativas míticas.

A suposta separação entre os ideários míticos, religiosos, científicos e filosóficos só encontrará justificção nas matrizes da racionalidade da história ocidental que

1 “The myth is not a simple narrative, nor a form of science or a branch of art or history, nor an explanatory narrative. The myth fulfills a *sui generis* role, closely linked to the nature of the tradition and continuity of culture ... The myth's function is, in short, to strengthen the tradition and give you greater value and prestige, linking it to more high, better and more supernatural reality of initial events. Every historical change creates its mythology, which is however only indirectly relating to historical fact.” MALINOWSKI, Bronislaw. *Primitive Psychology*. IN: Magic, science and Religion. EUA. The Free Press, 1985. p.146.

operam a arbitrária disjunção entre razão e mito, como se razão e ciência não fossem sempre contaminadas e embebidas pelos dispositivos míticos. (ALMEIDA, 2000, p.14) SIDNEI

De antemão a preocupação do mito não é historicizar. Desta forma a narrativa mítica surge a partir de uma situação concreta, uma determinada infra-estrutura em simultaneidade com uma super-estrutura, que se remete à outra via a estrutura simbólico-religiosa que busca manter e reafirmar, fazendo com que se mantenha a situação de relação de poder existente, portanto da ideologia da classe dominante como legitimadora e construtora da verdade que é imposta e ‘aceita’ hegemonicamente, não sem resistência, é claro, de toda uma ação contra-hegemônica.

Pensamos que abordagem da narrativa mítica não é uma tentativa, “consciente e metodologicamente controlada, de subdeterminação do leitor ao autor da narrativa.” Nesse sentido a narrativa mítica não possui consciência no campo do método. E ainda mais: “Mito não é o mesmo que história [...] é o transcendente na relação com o presente [...] aponta para algo indescritível que está além de si mesmo [...] é o transcendente na relação com o presente” (CAMPBELL, 2008, p.18-19). A narrativa mítica não é histórica, mas mitológica, portanto não possui em si mesma um método cuja intenção seja submeter o leitor ao autor.

Os relatos míticos firmam os elos de aliança dos homens entre si e com seu meio ambiente. Um povo sem mitos, por suposição, é um povo que perdeu o senso do concreto; *desraizado* flutua no aéreo sem terra e sem sangue. Sua história é uma dúvida. (BUZZI, 2007, p.87)

Ao fazermos esta abordagem, sobre o mito e tendo tratado sobre o tempo é central dizer que:

O tempo, depois do advento da internet, adquire outra dimensão: a notícia antes aguardada junto com a chegada do trem ou do navio agora é simultaneamente ao fato, pois a postagem é imediata. A preparação, pelos movimentos sociais, de textos para circulação, que se dava geralmente diante de um fato específico, trabalhando discursivamente e graficamente para caber em um panfleto, agora mistura-se a muitos outros discursos – do presente, do passado e até do futuro – no site do movimento. A circulação, antes realizada da noite para o dia, agora é simultânea ao acontecimento, e um texto percorre diferentes sites ao mesmo tempo. (MITTMANN, 2010, p.94)

Caminhamos do texto (numa dimensão cronológica) ao hipertexto (onde a dimensão cronológica é superada). A narrativa mítica presentifica-se numa dimensão para além do reino de Cronos. No espaço da hipertextualidade faz-se necessário e controla-se um outro leitor, um novo leitor, não mais o do livro (do texto tradicional) em que o autor é a proeminência maior. O que temos agora é esse novo leitor, que é a proeminência, pois o autor perdeu a sua onipresença, onisciência e onipotência, ou seja, o autor está morto. Agora vive o leitor. Eis o hipertexto em sua força!

Seguindo esta dimensão, entendemos que o mito pode representar uma forma livre de pensamento, constante e resistente às investidas de liquidação perpetradas, tanto pelo saber filosófico, como também pelo científico. Assim, somente o pensar genuíno o alcança, nunca o discurso filosófico ou científico. Desta forma, no campo do significar, o conceito reproduz a narrativa mítica da realidade no múltiplo distinguir-se. Devido a sua capacidade de distinguir-se do sentido da narrativa mítica sobrepujando-o na sua unidade, alguns estudiosos entendem a definição de mito como símbolo, pois: “Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos; há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos se torna manifesta” (RICOEUR, 1988, p.15). Entendemos que a interpretação da narrativa mítica adota e rememora um sentido originário que se multiplica e se distingue na narrativa da própria comunidade sem perder sua identidade, pois “o mito traz em sua essência a verdade sobre a vida.” (MONIZ, 2007, p. 48). A verdade sobre a vida quem produz é o vivente ao viver. A verdade sobre o texto quem produz é o leitor a ler. O caminho da leitura quem constrói é o leitor ao produzir seu texto, seu hipertexto, pois como afirma o poeta; “navegar é preciso, viver não é preciso.” A relação proposta aqui não é de necessidade, mas de precisão.

A recitação do mito tem uma força atualizadora do acontecimento primordial” (CROATTO, 2001, p.332). Isto é, no rito temos a repetição da ação divina, que é mimetizada por meio da ação litúrgica, ou seja, as ações dos deuses são atualizadas na cena ritual litúrgica, sendo que o mito é caracterizado por ser um discurso (uma palavra sobre) e o rito é caracterizado por ser visual e socioespacial. Enquanto nas narrativas míticas as protagonistas são os deuses, no rito são os humanos que repetem o que os deuses fizeram, assim “o mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer já foi feito.” (ELIADE, 2013, p.125). Enquanto o mito é uma espécie de dizer, o rito é uma espécie de fazer, sendo ele uma expressão coletiva do sagrado.

O grande problema que se coloca para entender a narrativa mítica como algo portador de verdade, tem relação com o que afirma Eliade:

Os primeiros teólogos cristãos tomavam esse vocábulo na acepção que se impusera há muitos séculos no mundo greco-romano, isto é, de ‘fábula, ficção, mentira. Consequentemente, recusavam-se a ver na pessoa de Jesus uma figura ‘mítica’ e, no drama cristológico, um ‘mito’. (ELIADE, 2013, p.141)

Ao fazer essa destituição da perspectiva mítica de Jesus, o que se realizou efetivamente foi um empobrecimento do ser humano e segundo Young, para Nietzsche “o mito significava uma alegoria unificada, abrangente e coerente. Neste sentido, o mito constituiria a unidade do *Volk* e da cultura.” (YOUNG, 2014, p.256). Ao

se o cometer 'mitocídio' a perda é grande e, realizou-se tal ação pelo racionalismo. Isto é assim dito por Nietzsche:

Tal é o momento em que se costumam acabar todas as religiões: quando as proposições míticas que formam a base de uma religião chegam a ser sistematizadas, pelo intelecto e pelo rigor de um dogmatismo ortodoxo, na suma definitiva de acontecimentos históricos, quando se começa a defender com inquietação a credibilidade dos mitos, impedindo que eles naturalmente evoluam e se multipliquem; quando, numa palavra, desaparece o sentimento do mito para dar lugar à tendência para procurar os fundamentos históricos da religião. (NIETZSCHE, 2004, p.69-70)

As narrativas míticas foram assassinadas pelo racionalismo socrático-platônico. O percurso foi esse: “a representação mitológica (a metáfora) cede lugar ao logos (termo portador de determinado significado) e ela, por sua vez no terreno da ciência, vira signo, restringindo por completo a possibilidade de interpretação.” (KRASTANOV, 2011, p.46). Aquele que criar, que metaforizar é um mentiroso, ou seja, na perspectiva moral a mentira é o uso inadequado ou não legítimo da linguagem canonicamente aceita, ao que se “esquece” que um criador de metáforas impõe as mesmas ao outro criador de metáforas, fazendo com que o outro renuncie à sua aptidão criadora e assumam aquelas que lhe são impostas e passe portanto a pronunciá-las. O currículo então fica prisioneiro da metáfora vencedora e tudo que fugir dessa vigência é tido como errado ou equivocado, ou seja, a metáfora e o próprio hipertexto que podem estar presentes em espaços de ensino e aprendizagem, portanto de produção de conhecimento, nos quais entendemos que o aprendente elabora seu próprio percurso, seu próprio conhecimento por meio de um processo coletivo de um aprendizado colaborativo não são tratados e/ou incluídos no processo libertário e autêntico da formação docente e estruturação curricular.

PARA NÃO CONCLUIR

Segundo Eliade o mito autêntico é aquele que remete à arquétipos primordiais, possuindo como objetivo a renovação do cosmos, ou seja, do mundo. É o próprio Eliade quem explica:

Ao proclamar a Encarnação, a Ressurreição e a Ascensão do Verbo, os cristãos estavam convictos de que não apresentavam um novo mito. Na realidade, eles se utilizavam das categorias do pensamento mítico. Evidentemente, eles não podiam reconhecer esse pensamento mítico nas mitologias dessacralizadas dos pagãos eruditos seus contemporâneos. Mas é óbvio que, para os cristãos de todas as confissões, o centro da vida religiosa é constituído pelo drama de Jesus Cristo. (ELIADE, 2013, p.144)

Tudo isso aponta para o comportamento mítico, ou seja, para um ser humano

que descobre na narrativa mítica a origem, a *arché* da sua existência. Entendendo que “o ritual é a simples representação do mito; ao participar de um rito, participa-se diretamente do mito.” (CAMPBELL, 2008, p.21)

Houve um tempo em que “o mito se afirma como modo de ser no mundo” (GUSDORF apud FERRY, 2011 p.16). A partir da primazia do racionalismo, o mito é abandonado e desprezado, entretanto é importante que seja retomado, revivido e experienciado, inclusive tanto no campo da construção curricular como também da formação docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e o paradoxo**. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão a repetição**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. – 6ª edição. – Rio de Janeiro. DIFEL, 2012.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega Vol I**. 22 edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2010.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos literários**. Tradução Carlos Sussekind (et al.). 4ª edição. Rio de Janeiro. José Olympio, 2005.

BRUNNER, J. **Cultura da educação**. Tradução Abílio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1996. Coleção Ciências do Homem.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 33ª edição. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes. 2007.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. Organização e prefácio David Kudler. Tradução Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo. SP. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

CROATTO, J. Severino. **A Deusa Aserá no Antigo Israel – a contribuição epigráfica da arqueologia**. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. Petrópolis. Vozes. São Leopoldo. Sinodal. Nº 35/36. 2001.

ECO, Humberto. Epílogo. In: NEMBERG, Geoffrey (org). El futuro del libro. Esto matará eso? Barcelona.: Paidós, 1998, pp.303-314.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção Debates).

FERRY, Luc. **A tentação do cristianismo – Da seita a civilização**. Tradução Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro. Objetiva. 2011.

- GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1998
- HILLMAN, James. **Encarando os deuses**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- KORTNER, Ulrich H. J. **Introdução à Hermenêutica Teológica**. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo. Sinodal/EST. 2009.
- KRASTANOV, Stefan. **Nietzsche: pathos artístico versus consciência moral**. Jundiaí. Paco Editorial. 2011.
- LEÃO, Emanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Vol 02. 2ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – Rio de Janeiro. 2000.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnocurrículo: Etnoaprendizagem: a educação referenciada na cultura**. São Paulo. Edições Loyola, 2015.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro. Graal, 1999.
- MALINOWSKI, Branislaw. **Primitive Psychology**. IN: Magic, science and Religion. EUA. The Free Press, 1985.
- MAINGUENEAU, D.; CHARADEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 1999.
- MITTMANN, SOLANGE. **Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas** (pp.91-102). IN: RIBEIRO, Ana Elisa [et al] (orgs.). **Linguagem, tecnologia educação**. São Paulo. Peirópolis, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia**. Tradução Joaquim de Faria. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O livro do filósofo**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. 6ª edição. São Paulo. Centauro, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução Alex Martins. São Paulo. Martin Claret, 2006(a).
- NIETZSCHE, Friederich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REHFELD, Walter I. **Ensaio Filosóficos**. Walter Rehfeld, J. Guisburg e Margarida Goldztajn (orgs.) – São Paulo: Perspectiva: Associação Universitária de Cultura Judaica: Tecnisa, 2008.
- RICOEUR, Paul. **O Conflito de Interpretações. Ensaio de hermenêutica I**. Traduzido por Miguel D. Costa. Porto: Rés, 1988.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

